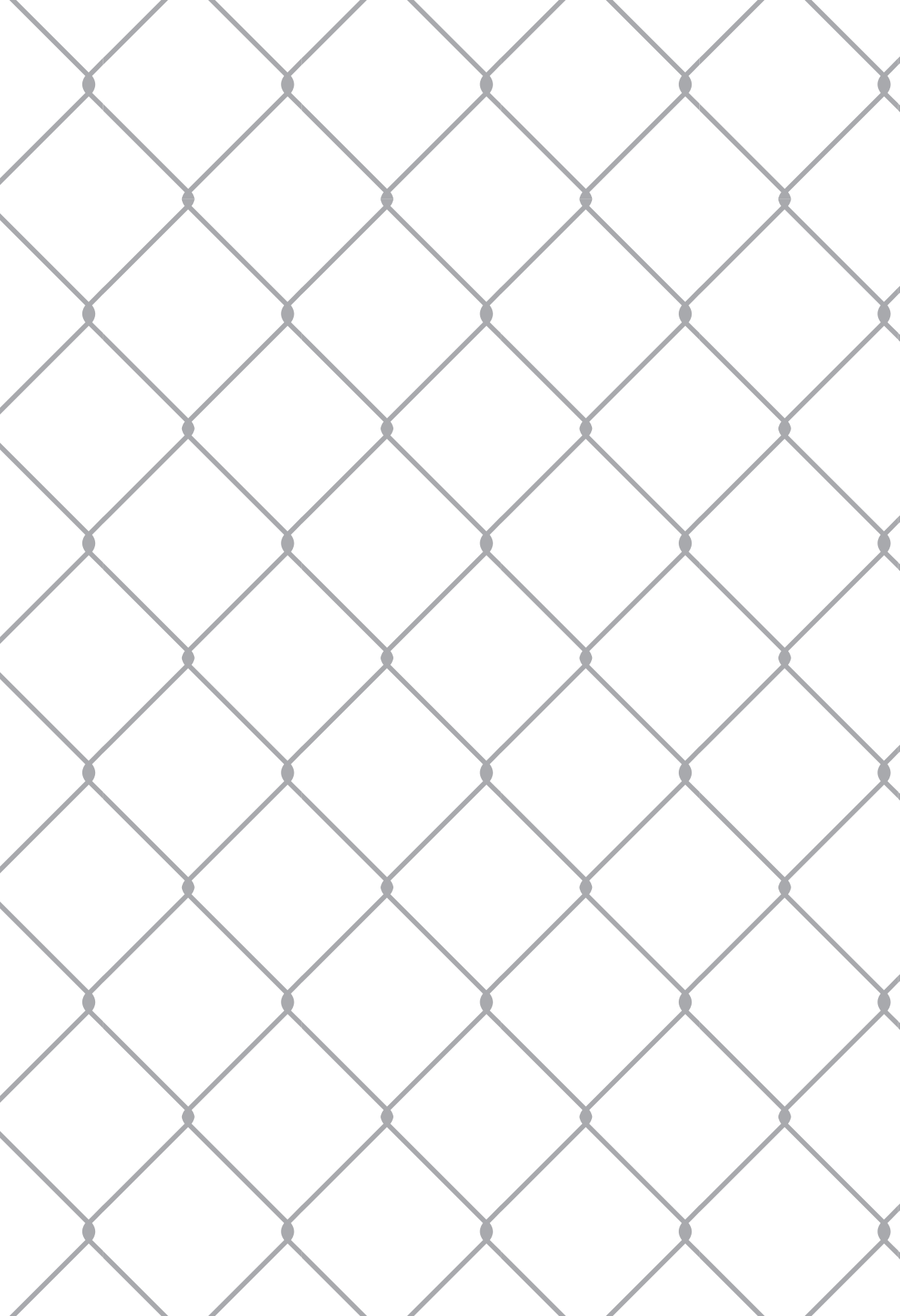


FILHO
TEU
NÃO
FOGE
À LUTA



intrínseca

FELIPE

**Fellipe
Awii**

MEU

MÃO

Como os lutadores
brasileiros
transformaram
o MMA em um
fenômeno mundial

**À FUGA
DA LUTA**

Copyright © 2012 Fellipe Awi

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Bruno Porto

EDITORA
Livia de Almeida

EDITOR ASSISTENTE
Bruno Correia

ASSISTENTE EDITORIAL
Carolina Leocadio

PREPARAÇÃO
Clarissa Peixoto

REVISÃO
Clara Diamant
Flávia Midori

PESQUISA
Larissa Ribas
Lauro Neto

PROJETO GRÁFICO
Laboratório Secreto

DIAGRAMAÇÃO
ô de casa

CRÉDITOS DAS FOTOS
Arquivo/Agência O Globo: pp. 24, 38, 52; José Ronaldo/
Agência O Globo: p. 66; Marcelo Alonso: pp. 82, 102, 120,
140, 158, 200, 252, 272, 292 e quarta capa; Susumu Nagao:
p. 178; Alexandre Cassiano/Agência O Globo: p. 226.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A999f

Awi, Fellipe
Filho teu não foge à luta : como os lutadores
brasileiros transformaram o MMA em um fenômeno
mundial / Fellipe Awi. - Rio de Janeiro : Intrínseca,
2012.

320p. : 23 cm
ISBN 978-85-8057-172-1

1. Mixed Martial Arts (MMA). 2. Lutadores
marciais - História. 3. Artes marciais. 3. Luta (Esporte).
I. Título.

12-1096.

CDD: 796.8
CDU: 796.8

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

A DENISE, HENRIQUE E ARTHUR

SUMÁRIO

CARD PRINCIPAL	8
LINHA DO TEMPO	12
INTRODUÇÃO	
FENÔMENO GLOBAL, DNA BRASILEIRO	14
CAPÍTULO 1	
VOLTA ÀS ORIGENS	23
CAPÍTULO 2	
VALE-TUDO, A MELHOR PROPAGANDA	37
CAPÍTULO 3	
HERÓIS BANIDOS	51
CAPÍTULO 4	
OS GRACIE VERSUS VAN DAMME	65
CAPÍTULO 5	
NASCE O UFC	81
CAPÍTULO 6	
IMAGEM NOCAUTEADA	101
CAPÍTULO 7	
A SEMENTE DO MMA	119
CAPÍTULO 8	
ISTO AQUI NÃO É A DISNEYLÂNDIA	139
CAPÍTULO 9	
O UFC DESEMBARCA NO BRASIL	157
CAPÍTULO 10	
OS NOVOS DONOS DO OCTÓGONO	177
CAPÍTULO 11	
DO ORGULHO À VERGONHA	199
CAPÍTULO 12	
MAIS DO QUE LUTADORES, PERSONAGENS	225
CAPÍTULO 13	
POLÊMICA E TRAGÉDIA	251
CAPÍTULO 14	
CAMPEÕES DO IMPROVISO	271
CAPÍTULO 15	
PERGUNTA PRIMITIVA	291
LISTA DE EVENTOS	310
AGRADECIMENTOS	313
ÍNDICE	314

**CARD
PRINCIPAL**

AMAURY BITETTI (RJ): lutador de jiu-jítsu.

ANDERSON "SPIDER" SILVA (SP): lutador de MMA; tornou-se campeão dos pesos médios no UFC 64.

ANTÔNIO RODRIGO "MINOTAURO" NOGUEIRA (BA): lutador de MMA. Campeão dos pesos pesados do Pride na edição de número 17, recuperou o cinturão interino no Pride Final Conflict. Foi campeão na mesma categoria no UFC 81, tendo sido o primeiro lutador a conquistar os cinturões nas duas competições.

ANTÔNIO ROGÉRIO "MINOTOURO" NOGUEIRA (BA): lutador de MMA; medalha de bronze no boxe nos Jogos Pan-Americanos do Rio, em 2007, na categoria superpesados.

ART DAVIE (EUA): fundador do UFC com Rorion Gracie e, depois, *matchmaker* do Semaphore Entertainment Group (SEG).

BOB MEYROWITZ (EUA): presidente do SEG.

BOB SAPP (EUA): lutador de MMA.

CARLÃO BARRETO (RJ): lutador de MMA; vencedor do Universal Vale-Tudo Fight Championship (UVF) 1.

CARLOS GRACIE (PA): precursor do jiu-jítsu no Brasil.

CARLOS GRACIE JR. (RJ): lutador de jiu-jítsu; fundador da Gracie Barra. Filho de Carlos Gracie.

CARLOS ROBSON GRACIE (RJ): lutador de jiu-jítsu. Filho de Carlos Gracie.

CARLSON GRACIE, GAROTÃO (RJ): lutador de jiu-jítsu e vale-tudo. Filho de Carlos Gracie.

CASIMIRO NASCIMENTO MARTINS, REI ZULU (MA): lutador de tarracá e vale-tudo.

DANA WHITE (EUA): ex-lutador de boxe; presidente do UFC em sua segunda encarnação.

DEDÉ PEDERNEIRAS (RJ): lutador de jiu-jítsu e treinador de MMA; criador da equipe Nova União.

DENILSON MAIA (RJ): faixa preta de luta livre; campeão carioca de luta greco-romana.

EUGÊNIO TADEU (RJ): lutador de MMA.

FLÁVIO MOLINA (RJ): lutador e treinador de tae kwon do e muay thai.

FREDERICO LAPENDA (PE): primeiro grande empresário brasileiro de vale-tudo; criador do World Vale-Tudo Championship (WVC).

HÉLIO GRACIE (PA): precursor do jiu-jítsu no Brasil.

HUGO DUARTE (RJ): lutador de MMA; campeão do primeiro WVC.

JANIGLEISON HERCULANO ALVES, GLEISON TIBAU (RN): lutador de MMA.

JIGORO KANO (JAPÃO): fundador da primeira escola de judô do mundo, a Kodokan.

JORGE "JOINHA" GUIMARÃES (MG): ex-apresentador do programa *Passando a Guarda*, do canal SporTV, e empresário de MMA.

JORGE PATINO, MACACO (SP): lutador de jiu-jítsu e MMA; campeão do Jungle Fight 1, 3 e 4. Dono da equipe Macaco Gold Team.

JORGE PEREIRA (RJ): lutador de jiu-jítsu; campeão do Brasileiro de Vale-Tudo. Criador do Rio Heroes.

JOSÉ ALDO JÚNIOR (AM): lutador de MMA; tornou-se campeão dos pesos-pena no UFC 129, defendeu o cinturão nas edições 136 e 142.

JUNIOR "CIGANO" DOS SANTOS (SC): lutador de MMA; campeão dos pesos pesados do UFC 139.

KANJI "ANTONIO" INOKI (JAPÃO): lutador de pro wrestling.

KAZUSHI SAKURABA, CAÇADOR DE GRACIES (JAPÃO): lutador de MMA; campeão dos pesos pesados no Ultimate Japan.

KEN SHAMROCK (EUA): lutador de MMA; campeão do UFC 6 e 8.

LORENZO FERTITTA (EUA): fundador da Zuffa.

LYOTO MACHIDA (BA): lutador de MMA; campeão dos meios-pesados no UFC 98, defendeu o cinturão contra Mauricio Rua no UFC 104.

MARCELO BEHRING (RJ): lutador de jiu-jítsu e vale-tudo.

MARCO RUAS, THE KING OF THE STREETS (RJ): lutador de MMA; campeão do UFC 7 e do WVC 2.

MÁRIO DUMAR, MARINHO (RJ): lutador de muay thai e de tae kwon do.

MASAHIKO KIMURA (JAPÃO): campeão mundial de judô e considerado um dos maiores judocas de todos os tempos.

MAURICIO "SHOGUN" RUA (PR): lutador de MMA; campeão dos meios-pesados do UFC 113 e do Pride Final Conflict na categoria até 93 quilos.

MITSUYO MAEDA, CONDE KOMA (JAPÃO): discípulo de Jigoro Kano, viajou pelo mundo difundindo o jiu-jítsu, inclusive no Brasil.

MURILO BUSTAMANTE (RJ): lutador de MMA, campeão dos pesos médios no UFC 35 e 37 (defesa do cinturão).

MURILO "NINJA" RUA (PR): lutador de MMA.

NOBUYUKI SAKAKIBARA (JAPÃO): idealizador e presidente do Pride.

NOBUHIKO TAKADA (JAPÃO): lutador de pro wrestling.

OSCAR MARONI FILHO (MG): empresário que criou o Show Fight.

PEDRO RIZZO (RJ): lutador de MMA; campeão do WVC 2.

RENZO GRACIE (RJ): lutador de MMA. Filho de Robson Gracie.

RICKSON GRACIE (RJ): lutador de jiu-jítsu e MMA; vencedor do Pride 1 e do Vale Tudo Japan Open 1 e 2. Filho de Hélio Gracie.

RILION GRACIE (RJ): lutador de jiu-jítsu. Filho de Carlos Gracie.

ROLLS GRACIE (RJ): lutador de jiu-jítsu. Filho de Carlos Gracie.

RORION GRACIE (RJ): lutador de jiu-jítsu; criador do UFC. Filho de Hélio Gracie.

ROYCE GRACIE (RJ): lutador de jiu-jítsu e MMA; campeão do UFC 1, 2 e 4. Filho de Hélio Gracie.

ROYLER GRACIE (RJ): lutador de jiu-jítsu e MMA; campeão do Pride 2 e do UVF 2. Filho de Hélio Gracie.

RYAN GRACIE (RJ): lutador de jiu-jítsu e MMA. Filho de Robson Gracie.

RUDIMAR FEDRIGO (RS): treinador de MMA; fundador da Chute Boxe.

SAMUEL, O NEGRO GIGANTE (NATURALIDADE DESCONHECIDA): capoeirista que enfrentou Carlos Gracie no primeiro vale-tudo de que se tem conhecimento, no fim da década de 1920.

SÉRGIO BATARELLI (SP): campeão mundial de kickboxing e criador do International Vale-Tudo Championship (IVC).

SÍDNEY GONÇALVES FREITAS, MESTRE HULK (RJ): capoeirista; vencedor do Desafio Internacional de Vale-Tudo.

VITOR BELFORT, THE PHENOM/FAST HANDS (RJ): lutador de MMA; campeão dos pesos pesados do UFC 12 e dos meios-pesados do UFC 46.

WALDEMAR SANTANA (RJ): lutador de jiu-jítsu e vale-tudo.

WALLID ISMAIL (AM): lutador de jiu-jítsu e MMA; criador do Jungle Fight.

WANDERLEI SILVA, CACHORRO LOUCO/MACHADO ASSASSINO (PR): lutador de MMA; campeão dos pesos médios no Pride 17, 23, 28, Pride Final Conflict 2003 e Pride Shockwave 2005.

YOJI ANJO (JAPÃO): lutador de pro wrestling.

LINHA DO TEMPO

1917 Conde Koma é apresentado a Carlos Gracie.

ANOS 1920 Carlos enfrenta o capoeirista Samuel, o Negro Gigante, em evento chamado “estilo *versus* estilo”.

1932 Hélio Gracie participa do seu primeiro vale-tudo.

1951 Hélio Gracie luta com Masahiko Kimura.

1955 Hélio Gracie luta com Waldemar Santana, que enfrenta Carlson Gracie em seguida.

1956 Carlson e Waldemar voltam a se enfrentar.

1962 Braço quebrado no programa de TV *Heróis do Ringue* leva à proibição do vale-tudo no estado da Guanabara.

1978 Rorion Gracie se muda de vez para os Estados Unidos.

1980 Rickson Gracie luta com Rei Zulu.

1982 Rilion briga com Marinho em Teresópolis; Rolls e outros Gracie invadem a Academia Naja, de muay thai; Rolls morre em acidente de asa-delta.

- 1983** Rickson e Zulu voltam a se enfrentar.
- 1984** A Noite das Artes Marciais, primeiro vale-tudo entre adeptos do jiu-jítsu e do muay thai.
- 1988** Rickson briga com Hugo Duarte na praia do Pepê; a turma da luta livre invade a Academia Gracie, no Humaitá.
- 1991** Grande Desafio é televisionado pela TV Globo.
- 1993** Primeira edição do UFC, nos Estados Unidos.
- 1994** Explosão de brigas envolvendo lutadores de jiu-jítsu nas boates cariocas.
- 1995** Rorion Gracie deixa o UFC; Marco Ruas estreia na sétima edição do evento.
- 1997** Quebra-quebra no Pentagon Combat, no Tijuca Tênis Clube; Pride surge no Japão.
- 1998** Primeiro UFC realizado no Brasil.
- 2000** Os irmãos Fertitta compram o UFC.
- 2002** Minotauro luta com Bob Sapp no Pride.
- 2003** *Fantástico* exibe reportagem sobre o sucesso dos brasileiros no Pride.
- 2005** O reality-show *The Ultimate Fighter* estreia nos Estados Unidos.
- 2007** Ryan Gracie é encontrado morto na cela de uma delegacia em São Paulo.
- 2007** O UFC compra o Pride.
- 2011** O UFC Rio (134): o UFC ganha transmissão ao vivo, no Brasil, pela TV Globo e, nos Estados Unidos, pelo canal Fox.

INTRODUÇÃO

**FENÔMENO
GLOBAL,
DNA
BRASILEIRO**

Iorrrance é uma cidade da Grande Los Angeles, na Califórnia, que parece mais habitada por carros do que por gente. Cortada por rodovias e autoestradas, dá a sua parcela de contribuição para que o estado seja o campeão de mortes no trânsito nos EUA, com 3.081 acidentes fatais em 2009, segundo a Administração Nacional de Segurança no Tráfego Rodoviário. Um brasileiro radicado na região quase engrossou a estatística quando dirigia sua caminhonete preta pela Carson Avenue acima do limite de velocidade. Um veículo de passeio saía da garagem naquele momento, e só o reflexo apurado dos dois motoristas foi capaz de evitar a colisão. Ao olhar pelo retrovisor, o brasileiro viu o outro estender-lhe o dedo médio, um sinal universal de ofensa. Imediatamente, ele freou e engatou a marcha a ré até o acostamento mais próximo. Tirou o cinto de segurança com violência e saiu da caminhonete. A cena poderia assustar qualquer um. Apesar de já exibir alguns fios de cabelo grisalhos, o brasileiro conservava (e ainda conserva) uma aparência jovem, com 1,85 metro, uma envergadura de nadador e a massa muscular seca distribuída num corpo que pesa 80 quilos há mais de vinte anos. A fúria se manifestava no rosto crispado e nos olhos semicerrados. O outro motorista se encolheu atrás do volante, mas esboçou uma reação.

— Porra, como é que você vem nessa velocidade toda? — perguntou, exaltado.

— Porra é o caralho. Eu estou indo rápido, sim, mas isso não te dá o direito de me mostrar o dedo. Você não sabe quem eu sou.

Era verdade, o motorista não sabia.

— Pior é que agora você vai ter que engolir esse dedo a seco — continuou o brasileiro. — Eu estou errado, mas você vai perder o respeito comigo? Perdeu o respeito, é foda. Agora a porrada vai comer.

— Não, não é por aí. Você está certo, então — respondeu o americano, já assustado, mas ainda assim com uma ponta de ironia.

— Não é uma questão de estar certo ou não, seu imbecil. É uma questão de respeito. Não se mostra o dedo assim para quem você não conhece. Você não sabe quem eu sou.

— Está bem, está certo — disse o outro, finalmente, parecendo agora concordar de verdade.

O brasileiro soltou um último palavrão, deu as costas e voltou para a caminhonete. Ao relembrar o episódio alguns meses depois, na sala de jantar de sua bela casa em Palos Verdes, município vizinho a Torrance, ele garantiu que nunca teve a intenção de bater no outro motorista. Mas seria contra sua natureza voltar para casa sem, de alguma forma, responder a uma ofensa, como aquele dedo médio esticado. Desde pequeno, aprendeu que ninguém da sua família aceita desaforo. Ele acredita que a intimidação pode evitar a violência física, pois, quando feita com veemência, tende a fazer o outro recuar. Como uma maneira de vencer a luta sem levantar a mão. O motorista americano, por exemplo, desistiu antes. Nem quis saber quem ele era. Royce Gracie, o primeiro campeão do torneio Ultimate Fighting Championship (UFC), lenda viva das artes marciais, só relatou esse episódio para explicar como funcionava, há várias gerações, a cabeça de um Gracie numa situação de conflito. Aos 45 anos, ele age com o mesmo ímpeto de quando tinha 18.

Não satisfeito, Royce deu outro exemplo, este envolvendo pessoas que até teriam condições físicas de encará-lo. Em abril de 2010, ele foi ministrar um seminário de jiu-jítsu em Abu Dhabi na mesma semana em que o UFC de número 112 foi levado para a capital dos Emirados Árabes. Convidado pela organização para uma visita promocional, encontrou-se com vários astros do evento, entre eles os brasileiros Anderson Silva, Vitor Belfort e seu primo Renzo Gracie. Depois de um bate-papo amistoso com todos os lutadores, despediu-se cheio de sorrisos. Quando estava deixando o lugar, deu-lhe um estalo na cabeça. Lembrou-se de uma conversa que tivera semanas antes com alguns primos sobre um vídeo que circulava na internet. Durante uma sessão de treinos, Anderson Silva imitava, às gargalhadas, o estilo de vários lutadores famosos: Kimbo Slice, Chuck Liddell, Lyoto Machida, Randy Couture e... o dele mesmo, Royce Gracie. Com bom humor, Anderson repetia o soco, o chute e a maneira como Royce partia para cima do adversário. Na mesma hora, o Gracie voltou e foi em direção a Anderson, que continuava conversando com os colegas. A expressão e a voz já não tinham mais nada a ver com o Royce simpático de dois minutos antes.

— *Aí, mermão*, que parada é essa de ficar me imitando na internet? Tá tirando onda com a minha cara?

Anderson levou um susto, claro, e procurou acalmar Royce.

— Que é isso, mestre, era só uma brincadeira na hora do treino...

O clima ficou tenso, mas, como Anderson já tinha dado várias declarações respeitosas sobre a família Gracie, Royce aceitou as desculpas. Se considerasse necessário, teria ido além da intimidação. Isso nunca foi problema para alguém criado numa cultura de confronto. Ainda criança, ele era incentivado a lutar com irmãos e primos para ver quem era o melhor. “A briga sempre foi uma coisa natural pra gente. Passamos a vida inteira brigando ou lutando. Demos porrada no mundo, rapaz”, me disse um dos primos de Royce, Robson, 76 anos, hoje o patriarca da família.

Muitos motivos levaram os Gracie a brigar ou a lutar profissionalmente, mas nenhum deles foi maior que o jiu-jítsu, a arte marcial japonesa reinventada pela família. Para eles, quase tão importante quanto aprender e ensinar a luta era provar ao mundo sua superioridade. Numa espécie de cruzada religiosa, procuraram a vida toda os “infieis” que duvidavam desse dogma. E, para isso, foi indispensável o temperamento desafiador — ou prepotente, na opinião dos críticos —, exemplificado nas duas histórias contadas por Royce. A predisposição para o confronto funcionou como adubo para os primeiros desafios entre artes marciais que os Gracie promoveram na década de 1920. Royce escolheu uma palavra em inglês para definir a saga da família: *quest*. “Vivemos uma busca, uma procura infinita pelos limites do nosso jiu-jítsu. Queremos saber até onde ele funciona. E, para isso, só tem um jeito: entrar num ringue e provar contra os outros”, diz. Assim, os Gracie não só plantaram a semente do vale-tudo — que décadas depois ganharia o pomposo nome de MMA, *mixed martial arts*, ou “artes marciais mistas” em português — como criaram o maior evento desse esporte no planeta. Foi Rorion, o irmão mais velho de Royce, quem formatou o UFC no início da década de 1990.

No entanto, este não é um livro sobre os Gracie. É uma grande e frequente injustiça dar a eles ou ao jiu-jítsu brasileiro todo o crédito pelo surgimento e pelo desenvolvimento do MMA. A família Gracie foi certamente fundamental, mas contou ainda com a ajuda de vários lutadores de diversas artes marciais. Como no método dialético, baseado na contraposição de ideias, a tal busca citada por Royce só foi viável porque sempre existiu um antagonista: adeptos de capoeira, judô, caratê, boxe, luta livre, muay thai, kickboxing, luta olímpica (wrestling), kung fu

e de todas as modalidades que se dispuseram a medir forças não só contra o jiu-jítsu, mas também entre si, movidos por rivalidades e pela necessidade visceral de desafiar. Lutadores amadores, ou apenas fortões com reputação de sujeito valente, formaram uma prolífica geração de atletas profissionais em grandes eventos de MMA no mundo inteiro.

Eles são os responsáveis pelo crescimento do vale-tudo até os anos 1950 e por sua retomada a partir da década de 1980. À beira do século XXI, delimitaram o Rio de Janeiro em áreas de jurisdição de determinado grupo ou arte marcial. Quem ultrapassasse as fronteiras assumia o risco de ser espancado. Marcaram brigas em lugares públicos, à luz do dia, ou a portas fechadas, em boates ou academias. Lutaram por razões variadas: honra, dinheiro, amizade, oportunidade ou, simplesmente, adrenalina. Em geral, são sujeitos corajosos, resistentes, para quem a dor é apenas a fraqueza deixando o corpo. Desde o início do século passado, conviveram com empresários e políticos influentes, circularam com desenvoltura pelo meio artístico, arrastaram multidões sedentas para assistir a uma boa briga. Quase todos ainda estão aí para contar como esse clima de rivalidade entre artes marciais produziu tantos lutadores de MMA. Este livro é sobre essas personagens complexas e fascinantes que estão por trás do esporte que mais cresce no mundo. Mais do que isso, que deram ao Brasil um protagonismo único nos torneios mais importantes: o UFC e o extinto Pride.

Num universo formado por lutadores musculosos e valentões, relatos de brigas, lutas ou invasões de academia são, invariavelmente, ricos em versões diferentes. Quem venceu, quem se acovardou, quem se machucou mais, quem desafiou todo mundo — tudo isso vai depender da turma a que pertence o interlocutor. Este é um mundo em que ninguém perde sem sair machucado ou sem a interferência mal-intencionada do árbitro e dos jurados. Até hoje, um praticante de jiu-jítsu e outro de luta livre, rivais declarados nos anos 1980 e 1990 no Rio de Janeiro, são capazes de assistir juntos pela televisão a um desafio entre as duas modalidades e enxergar resultados não só diferentes, mas antagônicos. Portanto, quando foi impossível estabelecer a versão definitiva, procuramos dar voz aos personagens dos dois lados, para que relatassem o ocorrido segundo o próprio ponto de vista.

Alguns lutadores optaram por não falar. Procurado para dar um depoimento a este livro, Wallid Ismail, um personagem polêmico e importante na década de 1990 e hoje promotor de MMA, disse que não tinha interesse na entrevista porque,

nos Estados Unidos, lhe pagariam dezenas de milhares de dólares para contar sua vida. “Meu amigo, eu sou a história desse esporte”, justificou, sem perder a cara de mau. Outros surpreenderam pelo temperamento tranquilo, como o grandalhão Hugo Duarte. Destemido general da luta livre no auge da guerra contra o jiu-jítsu, ele fala com a serenidade de um monge tibetano. “Na nossa época, o Rio era uma cidade sem lei. O pessoal do jiu-jítsu mandava em tudo, queria monopolizar o mercado das lutas. Nós éramos os únicos que batíamos de frente com eles. E o couro comia mesmo. Hoje é todo mundo igual, e a maior prova disso é que, no MMA, qualquer lutador tem que saber todas as artes”, afirma.

Wallid e Hugo são de uma geração que viveu a transição do amadorismo para o profissionalismo. Pegaram a época em que os lutadores se tratavam como inimigos e o início da realidade atual, em que eles são capazes de deixar o octógono abraçados depois de trocarem socos por quase meia hora. Por mais que ainda sejam rivais, eles cultivam o sentimento de irmandade inerente a uma classe de eleitos, assim como eram os samurais no Japão antigo. Ninguém mais do que eles se aproxima da figura de guerreiros modernos. O MMA de hoje não produz meros desportistas, mas superatletas submetidos a uma rotina absurda de treinamento físico. Quase todos — pelo menos os melhores — mantêm uma vida saudável, com alimentação regrada, longe do álcool, das drogas e de confusões. Acima de tudo, são lutadores completos, mestres em diversas artes marciais. Foi-se o tempo em que o atleta de vale-tudo era um brigão de rua.

As polêmicas ou discordâncias que podem ser suscitadas por este livro irão somar-se àquelas incontáveis que o vale-tudo/MMA colecionou ao longo de sua história. Foi proibido em diversas épocas e cidades, namorou a marginalidade, foi comparado a uma rinha humana e subsistiu durante muitos anos apenas com as proibições básicas de uma luta honrada: mordidas, dedo no olho e puxão de cabelo. E até essas regras já foram chutadas para longe no calor de um combate. Para muita gente, até hoje, ele sequer pode ser considerado um esporte. Não deixa de ser natural toda essa aversão a uma atividade na qual sangrar é tão normal quanto suar (alguns atletas chamam o sangue de “suor vermelho”). É inútil negar a violência contida numa luta de MMA. É raríssimo que uma edição do UFC termine sem que pelo menos um lutador tenha de receber atendimento hospitalar antes de voltar para casa. Embora até hoje só se tenham registrado duas mortes por conta de lesões sofridas durante um combate, a variedade de golpes traumáticos põe em risco, sim,

a integridade física dos lutadores. Mas também é verdade que o nível de segurança hoje é bastante aceitável — e não para de crescer.

Há alguns anos, em seus principais eventos, esse é um esporte regulamentado, com exames periódicos, medicina especializada, testes antidoping e, o mais importante, regras bem claras. O UFC possui hoje 31 proibições que ajudam a reduzir o risco de lesões sérias. Por isso, seus defensores reclamam tanto quando o MMA é chamado de vale-tudo ou, nos Estados Unidos, vem acompanhado da expressão *no-holds-barred* (algo como “sem regras de conduta”). “Frente ao que eu já vi, o MMA hoje está uma Disneylândia, mas ainda é um esporte que comporta um risco calculado. As maiores ameaças são os traumas de crânio e de coluna cervical”, afirma o médico da Confederação Brasileira de Lutas Associadas José Alfredo Padilha. O UFC se vangloria de, em 17 anos e cerca de 1.700 lutas, a lesão mais séria em um evento ter sido um braço quebrado. É difícil estabelecer um ranking, mas esportes como boxe, rúgbi e futebol americano também têm riscos semelhantes. A diferença é que o rosto de seus atletas não costuma ficar tão feio quando eles voltam para casa.

O aumento da segurança é apenas um dos upgrades do MMA trazidos pela atual administração do UFC. O carismático Dana White, um ex-lutador de boxe medíocre, e os milionários irmãos Fertitta, donos de cassinos em Las Vegas, talvez sejam os não brasileiros mais importantes dessa história toda. Assumiram um evento maldito, dependente de liminares na justiça para acontecer, e o transformaram em um show mainstream, frequentado por celebridades. Além de regulamentarem o esporte nos Estados Unidos (à exceção de cinco estados), conseguiram entender o que o público quer ver e consumir. Contrataram os melhores lutadores de artes marciais mistas do mundo e transformaram os embates entre eles em entretenimento de massa. Produzem cerca de trinta eventos ao vivo por ano e expõem sua marca em produtos de ginástica, roupas, videogames, bonecos, DVDs, cartão de crédito, livros e revistas. Compraram um torneio decadente por US\$2 milhões e hoje não o vendem por menos de US\$1,3 bilhão, valor estimado da marca UFC em 2009, segundo a revista de negócios *Forbes*. Em entrevista dada ao jornal americano *USA Today* em 2011, Mike Ozanian, editor-executivo da revista, estimou que o evento fatura anualmente algo em torno de US\$300 milhões. Uma enquete promovida pela empresa de marketing esportivo Turnkey Sports, que ouviu 110 executivos americanos, apontou o UFC como a marca esportiva mais valiosa dos Estados Unidos, à frente da NFL (futebol americano) e da NBA (basquete), por exemplo.

Seus eventos chegam pela televisão a seiscentos milhões de lares em 145 países e em 22 idiomas. Muitos leigos chegam a pensar que o esporte se chama UFC, e não MMA, assim como lâmina de barbear virou gilete e fotocópia, xerox.

Contemporâneo da internet, o UFC sabe usá-la como ferramenta de promoção melhor que qualquer outra liga esportiva do planeta. Talvez seja a única do mundo cuja história (quase) completa esteja registrada em vídeo na grande rede. Pense numa luta de dez, 15 anos atrás, e é enorme a chance de estar lá, pronta para ser revista no YouTube. “É na internet, nas mídias sociais, que vive a nossa base de fãs”, conta Dana White. Ele mesmo, o presidente do UFC, pode ser acompanhado todos os dias em texto, pelo Twitter, ou em vídeo, por um canal particular do YouTube. E tem muitos seguidores, mais do que qualquer lutador, seja para elogiá-lo ou destratá-lo. Assim como a internet, o UFC é um espelho da globalização. “Somos um esporte global com ídolos globais. Anderson Silva e [o canadense] George Saint-Pierre têm torcedores no mundo inteiro. Eu já lotei o [estádio] Staples Center, de Los Angeles, com um duelo entre dois brasileiros”, conta Dana White, numa referência ao UFC 104, cuja luta principal foi entre o baiano Lyoto Machida e o paranaense Mauricio Shogun. Em fevereiro de 2012, o UFC tinha 329 lutadores de 27 países diferentes. A grande maioria (206), no entanto, era de americanos. Os brasileiros estavam em segundo (44), à frente dos canadenses e dos ingleses, ambos com 18 atletas. O Japão vinha com oito, e, a partir daí, nenhum país tinha mais de cinco representantes. Dana gosta de lembrar que a maior parte de seus atletas tem formação universitária, incluindo psicólogos, professores, policiais e até chef de cozinha.

O maior trunfo do MMA está concentrado no que ele tem de mais simples. É o esporte que mais se aproxima de uma briga real. Dois caras dentro de uma jaula sem armas, com o mínimo de equipamentos. Está acima de barreiras culturais e linguísticas. Seus defensores gostam de usar um exemplo: citam uma partida de futebol, o esporte mais popular do planeta. Não uma partida qualquer, mas a final da Copa do Mundo. Se no meio do jogo estoura uma briga na arquibancada, todo mundo tira os olhos do campo e se vira para olhar. O interesse é instintivo. “No MMA, existe uma equipe imensa de profissionais que preparam o lutador. Mas, na hora em que fecham a porta do octógono, ele está sozinho. Tudo depende dele. Se vence, é um êxtase indescritível. Se perde, o mundo acaba. Eu fico uma semana sem dormir”, afirma o brasileiro Pedro Rizzo, que disputou o cinturão do UFC três vezes.

O MMA é mesmo um esporte de emoções extremas, que remete aos nossos instintos mais primários. O sujeito pode gostar ou não; difícil é ficar indiferente. Sua história também é assim. Está repleta de personagens impressionantes, com celebridades, milionários poderosos e até presidentes da República. Tem também ação, reviravoltas, dramas pessoais, traições e inveja. Em alguns momentos lembra um daqueles dramas hollywoodianos sobre superação, mas, felizmente, essa é uma história brasileira. Originalmente brasileira.

CAPÍTULO 1

**VOLTA
ÀS
ORIGENS**



HÉLIO GRACIE ENFRENTA O JUDOCA JAPONÊS JUKIO KATO, em 1951: brasileiros queriam provar que o jiu-jítsu aperfeiçoado por eles era melhor que o original.

A caminho do octógono, Anderson Silva anda como se estivesse pulando uma corda imaginária. Cercado por treinadores e seguranças, deixa-se conduzir pela agitação dos fãs que tentam encostar nele. Um deles lhe arranca o boné com violência, mas Anderson reage com indiferença, como se uma mosca tivesse pousado em sua reluzente cabeça raspada. Ele inclina o pescoço de leve para o lado; o corpo se agita no ritmo de “Ain’t No Sunshine”, do rapper DMX, a música que adotou nas suas entradas triunfais na arena. Guiadas pelos canhões de luzes coloridas, as câmeras que passeiam pelo público jogam nos seis telões imagens de jovens eufóricos, mulheres bonitas e senhores bem-vestidos, até parar de novo em Anderson. O olhar dele é de quem está em transe — um transe diferente, em que consegue reconhecer a idolatria ao seu redor e ao mesmo tempo ignorá-la. Ninguém entra assim, num ginásio lotado, sem parecer arrogante, mas a arrogância sempre caiu muito bem nos grandes lutadores. A única pessoa capaz de detê-lo é o árbitro, que vai passar vaselina sobre o seu rosto, para deixá-lo mais escorregadio e minimizar o impacto dos golpes. Como se alguém tivesse estalado os dedos, Anderson desperta do transe. Ele se agacha e sobe as escadas do octógono usando as mãos e os pés, com braços e pernas bem estendidos, imitando o andar de uma aranha. Então, o teatro chega ao fim.

Quando pisa no octógono, por volta de 23h30, Anderson “Spider” Silva já é um atleta de elite, o melhor da história do seu esporte, a poucos minutos da luta mais importante de sua vida. Não é a mais difícil, a mais esperada ou a mais polêmica, mas é aquela que pode redesenhar o futuro do MMA em seu país. Pela primeira vez desde que se tornou um *case* bem-sucedido nos Estados Unidos, o Ultimate Fighting Championship aterrissa no Brasil. Trata-se do UFC Rio, o de número 134. Chegou com atraso, se considerado o protagonismo dos brasileiros no cartel de lutadores e na história do esporte, mas deixando claro

que deseja recuperar o tempo perdido. Foram necessários apenas 74 minutos de venda pela internet para que os 15 mil ingressos se esgotassem. Ninguém pagou menos que R\$275 para estar ali, na HSBC Arena, na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Houve quem pagasse R\$1.600, valor equivalente ao de uma final de Copa do Mundo, mas muito pouco se comparado aos R\$4 mil que os cambistas pediam do lado de fora. Um em cada quatro bilhetes foi vendido para uma mulher.

Enquanto se aquece dando voltas pelo octógono, Anderson não se dá conta da excitação que também provoca numa plateia selecionada. A começar por seus antecessores Royce e Rickson Gracie, que um dia também carregaram a imagem de super-heróis da pancada. Na terceira fila dos convidados VIPs do UFC está o ministro do Supremo Tribunal Federal Luiz Fux, faixa preta de jiu-jítsu. Herdeira de um império construído pelo avô Aristóteles, a francesa Athina Onassis come pipoca ao lado do marido, o cavaleiro Álvaro de Miranda. O empresário Eike Batista, um dos dez homens mais ricos do mundo, conta ao senador Aécio Neves que adentra a madrugada assistindo às lutas de MMA pela televisão, enquanto o apresentador de TV Luciano Huck o interrompe com opiniões sobre o estilo dos atletas mais famosos. Sentados à frente do lutador Lyoto Machida, ex-campeão do UFC, Ronaldo Fenômeno e o então presidente do Corinthians, Andrés Sánchez, não tiram o sorriso do rosto. Ambos estão ali a negócios: a empresa do ex-craque é responsável pelos direitos de imagem de Anderson, patrocinado pelo clube paulista. O publicitário Nizan Guanaes também olha para tudo como uma grande oportunidade de negócios. O capitão do penta, Cafu, confessa sua ignorância sobre o assunto, mas se mostra fascinado: “Parece um show de rock.” Atores famosos como Murilo Benício, Alinne Moraes e Marcelo Serrado transitam muito bem entre os papéis de tietes e tietados: bebem, comem, atendem a pedidos de fotos e de autógrafos e se esgoelam para ovacionar os lutadores. Vem do boxe americano a tradição de fazer das grandes lutas um evento social com a presença de celebridades.

Anderson teria visto tudo isso se, a essa hora, não estivesse buscando os olhos de seu adversário. As tradicionais encaradas antes das lutas nunca foram, para ele, jogo de cena. Servem para medir a temperatura do que vem pela frente. Aprendeu isso com o tio Benedito, que desempenhou o papel de pai desde que ele tinha quatro anos. Na infância, quando fazia besteira nas ruas de Curitiba,

tio Benê lançava-lhe um olhar que valia por muitas palmadas. Já o olhar de Yushin Okami, rival de Anderson, tem a serenidade dos orientais. Ele é apresentado como o melhor do Japão na atualidade. Não é esse, porém, seu maior cartão de visitas. Ele foi o último a derrotar Anderson Silva, numa polêmica luta em 2006, quando o brasileiro foi desclassificado por um golpe ilegal (deu um chute no queixo quando o japonês mantinha os dois joelhos no chão). Desde que Okami foi escolhido como seu adversário, muitos jornalistas perguntaram a Anderson sobre esse episódio. Alguns ainda ressaltaram que, de suas quatro derrotas na carreira, três foram para japoneses. Raros foram os que lembraram que a rivalidade entre Brasil e Japão nas artes marciais é responsável direta pelo crescimento do esporte que veio a desembocar nesse fenômeno chamado UFC. Por isso, quando Anderson se curva para frente, um sinal de respeito característico dos japoneses, e se aproxima para tentar o primeiro golpe em Okami, é como se ele estivesse puxando a ponta de um novelo que começou a ser enrolado no início da década de 1950.

Em 1951, a seleção japonesa de judô fez uma excursão pela América do Sul com o objetivo de divulgar o esporte. Além de pleitear sua inclusão no programa dos Jogos Olímpicos, os japoneses queriam consolidar o nome “judô” como a verdadeira luta da terra dos samurais. Em vários lugares do mundo, essa arte marcial ainda era confundida com o jiu-jítsu.

Fundador da primeira escola de judô do mundo, a Kodokan, o japonês Jigoro Kano (1860-1938) aprendera primeiro uma luta milenar chamada jujutsu (“ju” significa “suave ou flexível”, e “jutsu”, “arte”), usada por monges e soldados orientais em situações de combate. “Os galhos rígidos quebram diante do vento forte. Só os galhos flexíveis resistem”, professavam os mestres japoneses. O jujutsu ensinava técnicas de queda e privilegiava a luta no chão. No fim do século XIX, Jigoro Kano desenvolveu técnicas novas para derrubar o oponente, ou, em suas palavras, de “quebra da postura vertical do adversário”, e as aplicou na Kodokan.

Para diferenciar o jujutsu que aprendeu na juventude do jujutsu modificado, chamou este último de judô (ou “caminho suave/flexível”). “Isso também aconteceu porque o jujutsu andava com o nome queimado no Japão, pois vinha sendo usado para atacar, e não para defender”, explica o professor de jiu-jítsu Pedro Valente, filho do cirurgião plástico homônimo e um dos maiores estudiosos

brasileiros de artes marciais. A adaptação desenvolvida por Kano viria acompanhada de uma filosofia esportiva, o que significava desvalorizar os golpes mais violentos do jujutsu (ou do jiu-jítsu, como passou a ser chamado mais tarde). Na prática, no entanto, era quase impossível diferenciar jiu-jítsu e judô nas aulas ministradas por ele.

Quando Mitsuyo Maeda, um discípulo de Kano, decidiu viajar pelo mundo no início do século XX, ensinando o que aprendera na Kodokan, ele preferiu manter o termo original jiu-jítsu. Não era apenas uma questão semântica: ele defendia o ensino das técnicas de combate do jujutsu, e não apenas da versão esportiva desenvolvida por Kano.

Maeda passou pela Europa, Estados Unidos e outros países da América Latina antes de desembarcar no Brasil, em 1914, via Porto Alegre, segundo o pesquisador amazonense Rildo Heros. O japonês subiu o país até chegar a Belém, a cidade mais desenvolvida da região amazônica, graças ao ciclo da borracha. A essa altura, ele cobrava por suas exibições, contrariando as regras da Kodokan. Na capital paraense, onde decidiu se estabelecer, Maeda fazia demonstrações de jiu-jítsu nas praças, nos teatros e em pequenos circos, normalmente usando como cobaia homens muito maiores que ele. O público ficava maravilhado ao ver aquele japonês esmirrado prendendo o braço ou estrangulando os homens mais fortes da cidade, em geral levantadores de peso ou conhecidos brigões de rua. Os shows de Maeda, que usava o nome artístico Conde Koma, chamaram a atenção de um negociante, Gastão Gracie, um carioca de origem escocesa. Ex-diplomata, ele largara no meio uma viagem de navio do Rio de Janeiro rumo a alguns países da América Central quando conheceu, em Belém, a cearense Cesalina Pessoa de Queiroz, com quem se casou. Sempre atento a oportunidades de negócios, Gastão pensou em se associar a Maeda num circo que rodaria a Amazônia. Ao mesmo tempo, viu na luta do japonês uma forma de domesticar a agressividade do primogênito, Carlos, de 15 anos. Foi esse encontro entre Carlos e Conde Koma, em 1917, que impediu que o jiu-jítsu original japonês — mais eficiente como luta de combate do que o judô — fosse enterrado pela Kodokan. Koma ainda voltaria ao Japão e receberia o perdão de Kano, que o graduou com o 7º Dan para ajudá-lo a divulgar seu judô, mas a semente do jiu-jítsu já crescia do outro lado do mundo.

Em três anos de aulas e exibições artísticas, Carlos se dedicou tanto ao aprendizado do jiu-jítsu que se tornou professor dos irmãos mais novos: Oswaldo, Gas-

tão Filho, George e Hélio. Quando a família voltou ao Rio de Janeiro, a capital federal, em 1921, todos já tinham experimentado os benefícios da arte japonesa. Carlos foi o primeiro brasileiro a entender que o jiu-jítsu era a única luta que permitia ao menor vencer o maior, ou, como os Gracie diziam, ao Davi vencer o Golias. “O jiu-jítsu foi feito para quem é fraco, para quem precisa se defender na rua. Quem vai querer dar um chute na bunda de um halterofilista?”, indagava. Mais tarde, encontrou no irmão mais novo o discípulo ideal para continuar o trabalho de “abrasileiramento” da arte marcial. Com Carlos, Hélio aperfeiçoou de tal maneira as técnicas de defesa que permitiu ao lutador que estivesse por baixo (na chamada posição de guarda) neutralizar a vantagem do lutador que estava por cima. Ele chamava isso de “cozinhar a luta” até o primeiro momento de desatenção do adversário. “A defesa depende de você; o ataque depende do erro do outro”, dizia.

“Todos os golpes que existem hoje — chave de braço, estrangulamento, mata-leão, raspagem, triângulo e guilhotina — você encontra nos livros japoneses antigos. A única coisa que não consegui encontrar foi essa capacidade de defesa em que o mais fraco consegue ficar embaixo do mais forte sem ser espancado”, diz o professor Pedro Valente. Quando Royce, filho de Hélio, disputou o primeiro UFC em 1993, os americanos ainda não entendiam como ele podia vencer a luta embaixo de um adversário vinte quilos mais pesado sem levar um soco. Com o pai, Royce aprendeu a usar a força do adversário a seu favor. Levantar um carro com as mãos é muito difícil, mas, se você usa um macaco, ele fica bem mais leve. O princípio da alavanca, a base do jiu-jítsu, revolucionou o mundo das artes marciais.

Por tudo isso, os irmãos Carlos e Hélio enxergaram na visita da seleção japonesa de judô, em 1951, a oportunidade histórica de confrontar o jiu-jítsu original com aquele que eles tinham aperfeiçoado. Carlos já havia enfrentado outro discípulo direto de Jigoro Kano anos antes, em São Paulo. Empatou duas vezes com Geo Omori, e os combates tiveram pouca cobertura da imprensa. Agora seria diferente. Dotado de um espetacular senso de oportunidade, ele começou a espalhar pelos jornais que os japoneses estavam demonstrando no Brasil uma arte marcial incompleta, concentrada nas técnicas de desequilíbrio. Pelo raciocínio dos Gracie, o judô era apenas um pedaço do jiu-jítsu, o pedaço que o Japão exportava porque queria manter o monopólio da luta mais eficiente do mundo. Estaria tentando implantar

à força o judô em outros países — e o pior, um judô esportivo, com contagem de pontos e limite de tempo, o que contrariava seu sentido original, usado em situações de combate. Ensinar jiu-jítsu para estrangeiros seria um crime de lesa-pátria, e, por isso, o Conde Koma fora defenestrado da história oficial do judô no Japão por quase uma década. Mas os orientais não imaginavam que, no Brasil, Koma tivesse encontrado alguém disposto a manter viva — e até a aperfeiçoar — a arte original dos samurais. Embora contestados por muita gente, eram argumentos inteligentes e atraentes, capazes de chamar a atenção da imprensa e dos judocas japoneses, que aceitaram o desafio.

“O Japão jogará no Brasil o prestígio de seu jiu-jítsu” foi a manchete esportiva do *Diário da Noite* de 3 de setembro de 1951. Três dias depois, o Maracanã receberia a luta entre Hélio e Jukio Kato, o número três do judô japonês. Um tatame foi montado atrás de uma das balizas, e um terço das arquibancadas ficou disponível para o público, o suficiente para abrigar cerca de quarenta mil espectadores. Valeriam golpes do judô e do jiu-jítsu. A luta só terminaria antes do tempo regulamentar em caso de desistência ou de perda de sentidos de um dos lutadores. Hélio começou sofrendo uma queda espetacular, mas no chão pôde equilibrar as ações e até mostrar-se superior na maior parte da luta, que terminou empatada depois de três rounds de dez minutos. “Kato só não foi derrotado graças ao recurso de levar o antagonista para fora do tablado, o que lhe valeu ser vaiado pela assistência. De qualquer maneira, Hélio Gracie foi o senhor do combate, recebendo verdadeira consagração”, noticiou *O Globo* em sua primeira página, ao lado de uma foto em que Hélio se protegia de um golpe do adversário. Uma revanche foi marcada para o estádio do Pacaembu, em São Paulo, no mesmo mês. A luta se arrastava para outro empate quando Hélio conseguiu encaixar um estrangulamento perfeito. Com o rosto vermelho, Kato não dava sinais de que bateria (três batidas leves no chão ou no corpo do adversário significam desistência).

— Ele vai dormir, ele vai dormir! — alertou Hélio para o árbitro, Mário Botelho.

Dormir, nesse caso, significa desmaiar por alguns segundos. A pressão no pescoço obstrui a passagem de sangue pelas artérias carótidas e, por consequência, falta oxigênio ao cérebro. Soa como algo grave, mas não provoca dor nem danos posteriores se a pressão no pescoço for interrompida em poucos segundos. É um

pequeno apagão, que pode ser evitado se o lutador estrangulado bater antes. Kato recusou-se a desistir e acabou desacordado. O corpo inerte do japonês caindo sobre o tatame foi a imagem mais emblemática de uma vitória espetacular do jiu-jítsu brasileiro sobre o japonês. Mas Hélio ainda teria que passar pelo campeão mundial Masahiko Kimura, de 98 quilos, talvez o mais cultuado judoca de todos os tempos. Quase trinta quilos mais pesado que o brasileiro, ele estava invicto desde que começara a lutar, 16 anos antes. Ali mesmo, no tatame montado no Pacaembu, poucos minutos depois de derrotar Kato, Hélio selou o desafio com Kimura com um cumprimento ocidental. A mão do brasileiro quase sumiu dentro daquele do gigante japonês.

Desde a derrota para Okami, em 2006, Anderson Silva venceu as 13 lutas que disputou no UFC, e em nove delas pôs em jogo o cinturão dos pesos médios. Um recorde de invencibilidade. Nos eventos que badalaram o UFC Rio em agosto de 2011 — incluindo um treino aberto na praia de Copacabana e uma visita à favela do Cantagalo —, ele foi tratado pelo presidente do torneio, Dana White, como o maior lutador da história, ou o Pelé das artes marciais. Ovacionado como um ídolo do futebol na HSBC Arena, não seria estranho se Anderson tivesse se lembrado então da última vez em que lutara no Brasil, oito anos antes. Um evento modesto em Vitória da Conquista, interior da Bahia. Desiludido, pensava em abandonar o esporte para abrir um lava a jato com o dinheiro que ganhara até ali em lutas no Japão. Isso foi até receber a mão amiga do lutador Rodrigo “Minotauro” Nogueira, que lhe deu o ânimo e os contatos necessários para arrumar novas lutas em grandes eventos.

Impassível na hora da própria luta, Anderson se emocionara mais cedo, quando Minotauro subiu ao octógono pela categoria pesos pesados. Seu adversário era a promessa Brendan Schaub, um ex-jogador de futebol americano. Do vestiário, Anderson assistiu, nervoso, à luta pela televisão. Ele sabia que o resultado decidiria o futuro do amigo, um dos maiores nomes do MMA mundial. Submetido a três cirurgias no período de um ano — uma no joelho e duas no quadril —, Minotauro mal conseguia andar seis meses antes. Aos 35 anos, depois de um ano e meio parado, precisava ganhar para não ter a carreira encerrada no UFC. Ou provava que ainda poderia lutar em alto nível, ou o contrato seria rompido unilateralmente. Como se não fosse pressão suficiente, Minotauro ainda lutava pela primeira vez no Brasil. Da mesma maneira que, hoje, brasileiros vão jogar no futebol europeu antes

de atingirem a maioria, ele tinha se estabelecido profissionalmente nos Estados Unidos. “De tão nervoso, nem consegui olhar para fora. Só quando acabou a luta me dei conta de que o barulho era ensurdecedor”, contou Minotauro a um grupo de jornalistas depois do combate.

Ele começou se movendo lentamente, mais do que o normal, enquanto Schaub parecia ligado na tomada. O brasileiro levou dois ganchos de direita, enquanto colava o adversário na grade. Ninguém entendia por que ele insistia em lutar boxe em vez de levar o combate para o chão, sua especialidade. Quando todo o ginásio temia o soco fatal, foi Minotauro quem encontrou uma brecha para colar a mão direita no rosto do americano. Antes de cair, a um minuto do fim do primeiro round, Schaub ainda levou uma saraivada de socos. Uma sequência que valeu ao brasileiro um bônus de US\$100 mil pelo melhor nocaute da noite.

Era uma vitória muito menos esperada que a de Anderson, que já tinha acertado sua participação no *Domingão do Faustão*, da TV Globo, no dia seguinte. Ele sabia que só dependia de si. Sempre foi assim, desde que começou a lutar tae kwon do, aos oito anos, em Curitiba. Como a família não tinha condições de pagar pelas aulas, combinou com o mestre Kang que treinaria em troca de uma faxina semanal na academia. Faxina de criança, é claro, mas o coreano topou. Além da facilidade para aprender, impressionava pela curiosidade por outras artes marciais. Quando via alguém dando um golpe interessante de judô, por exemplo, queria aprender na hora. Na juventude, enquanto trabalhava como atendente do McDonald's, disputou campeonatos amadores. Do tae kwon do, pulou para o muay thai, também chamado no Brasil de boxe tailandês, uma arte baseada no quadrinômio chute-soco-joelhada-cotovelada. Essa é sua grande especialidade, mas depois ele se tornou também faixa preta de tae kwon do e jiu-jítsu.

No momento em que Anderson começou a lutar, a Rede TV!, que transmitia o *card* principal, ou seja, as lutas mais importantes, liderou a audiência na TV aberta pela primeira vez na história, com pico de 13 pontos, ou 754 mil domicílios só na Grande São Paulo, segundo o Ibope. O primeiro round não deixou de ser um anticlímax. O brasileiro passou a maior parte do tempo rodando pelo octógono, esperando as investidas de Okami para reagir. Era o momento para estudar o adversário, mas quem consegue explicar isso a um público sedento por combate?

Os dois chegaram a ficar mais de um minuto em pé, colados na cerca, sem que nada de emocionante acontecesse. Quando Anderson acertou o seu melhor golpe — um chute que explodiu no pescoço de Okami —, não havia mais tempo para continuar. O primeiro round tinha acabado. No segundo, Anderson saiu do “modo de espera” e apertou o acelerador. Enfim, aparecia o lutador que sabe ser agressivo sem perder a elegância.

Com movimentos rápidos dos braços e das pernas, Anderson começou a confundir Okami, atingindo-o por cima e por baixo com a velocidade e a precisão de uma cobra. Com um jab de esquerda, o japonês caiu pela primeira vez, mas o brasileiro se recusou a finalizar a luta. Preferiu deixar Okami se levantar, talvez ciente de que o público pagara caro por um show mais demorado. A partir daí, lutou de guarda baixa o tempo inteiro, emendando num gingado que quase parecia dança. Para muitos, um sinal de desrespeito com o adversário, mas, para Anderson, apenas a maneira mais bonita de se ganhar uma luta. Convencido de sua superioridade, alternava os golpes sem se preocupar com os contragolpes. Já assustado, Okami caiu pela segunda vez com um gancho de direita. Dessa vez, Anderson se agachou para completar o nocaute com uma sequência de socos e cotoveladas só interrompida pela intervenção do árbitro. De braços levantados, o Spider comemorou a oitava vitória brasileira da noite, enquanto o telão mostrava Ronaldo Fenômeno pulando de alegria. Anderson estava US\$1,05 milhão mais rico: US\$350 mil pela luta, US\$350 mil pela vitória e US\$350 mil pelo espetáculo, um bônus concedido por Dana White. “Faço eventos há mais de dez anos e nunca vi uma torcida tão barulhenta quanto essa”, elogiou o presidente do UFC, prometendo uma sequência de eventos no Brasil nos próximos anos. O sucesso do UFC Rio só foi dimensionado de verdade dois meses depois. Maior emissora do país, a TV Globo venceu uma queda de braço com a Rede TV! e a Record e anunciou a compra dos direitos de transmissão do evento.

Sob esse aspecto simplista que rege os esportes de competição — o resultado final —, a luta de Hélio contra Kimura, muitos anos antes, não foi tão bem-sucedida quanto a de Anderson. Mas a comoção que o desafio entre o Ocidente e o Oriente causou permite dizer que foi a mais significativa para o desenvolvimento das artes marciais no Brasil. Não precisou de internet, televisão ou de uma liga milionária de lutadores para mobilizar brasileiros e japoneses. O palco

foi novamente o Maracanã. O presidente da República Getúlio Vargas enviou seu vice, João Fernandes Café Filho, para representar o Governo. Não é exagero dizer que, nesse período, Hélio Gracie foi tratado como um verdadeiro herói nacional, o guerreiro solitário capaz de resgatar o orgulho verde-amarelo no mesmo lugar onde, apenas 15 meses antes, ocorrera a maior tragédia esportiva da nossa história: a derrota na final da Copa do Mundo de futebol. Atrás da trave onde Gigghia marcou o gol da vitória uruguaia, montou-se um tatame, que logo ficou cercado por dezenas de jornalistas. Nas arquibancadas, vinte mil pessoas — o máximo permitido.

Quando apareceu no gramado, Kimura foi recebido com ovos. Num gesto típico do bom humor da torcida brasileira, um caixão de madeira foi levado à arquibancada, representando o destino do japonês. Em sua autobiografia, Kimura conta que teve um acesso de riso quando viu o caixão. Ele não tinha a menor dúvida de que venceria Hélio Gracie. A questão era saber em quanto tempo. Aos jornais brasileiros e japoneses, disse que o juiz era dispensável porque a luta não duraria mais de três minutos. Vinte e oito quilos mais leve que o adversário, Hélio sabia que o empate, embora improvável, seria uma grande vitória, mesmo porque o adversário conhecia bem a luta no chão. Mas não deixou de desdenhar do judô praticado por Kimura. “Não acredito que a mim ele poria fora de combate somente com quedas, porque tenho elementos para amortecê-las. Não tenho dúvidas de que Kimura pode cumprir com o que diz: vencer-me facilmente. Mas devo declarar que, para isso, terá que vencer-me com o jiu-jítsu por nós praticado, isto é, no tapete. Em caso contrário, poderá encontrar mais dificuldades do que supõe”, disse ao jornal *O Globo* na véspera da luta.

Com menos de dez segundos, Kimura derrubou Hélio Gracie, que bateu com as costas no tatame: um ippon nas regras do judô, suficiente para encerrar o combate. Mas para o brasileiro a luta só estava começando. No chão, ele poderia mostrar as técnicas de defesa desenvolvidas com o irmão Carlos. Trechos do combate, encontrados facilmente na internet, mostram o japonês montado sobre Hélio quase o tempo todo, tentando encaixar o golpe final. Eles só se levantaram quando o primeiro round, de dez minutos, chegou ao fim. O brasileiro estava cansado e com a orelha sangrando, mas sorridente. Sabia que deixara o japonês irritado, por ter conseguido se desvencilhar de todas as investidas dele. No segundo round, Hélio sofreu outra queda, e, dessa vez, o peso de Kimura

sobre seus pulmões o levou a perder os sentidos por alguns segundos. Por sorte, ninguém notou. Pouco depois, já consciente, sentiu a mão direita do adversário puxando seu punho esquerdo. O japonês aplicou-lhe uma chave de braço originalmente chamada ude-garami, mais tarde rebatizada como kimura — e assim ela é conhecida hoje no MMA. Embora sentisse que o braço estava na iminência de quebrar, Hélio não desistia. Em silêncio, o Maracanã acompanhava os últimos instantes do combate.

“O braço esquerdo dele estava inerte. De acordo com as regras, eu não tinha nada a fazer além de torcer o braço dele de novo. Mesmo assim, ele não desistiu. Esse homem tem um coração de lutador”, escreveu Kimura em sua autobiografia.

Depois de 13 minutos, dez a mais que a previsão de Kimura, Carlos desistiu pelo irmão, invadindo o tatame e dando três tapas no chão. Entre salvar o braço de Hélio e manter a máxima de que “um Gracie nunca bate”, ou seja, nunca desiste, ficou com a primeira opção. “Tive que fazer isso porque conheço meu irmão e sabia que era capaz de ficar com o braço partido”, disse Carlos. Talvez já soubesse que o heroísmo de Hélio e a eficiência do jiu-jítsu brasileiro estavam comprovados. Ficou claro que Kimura precisou se impor na força. No alto da primeira página da edição do dia seguinte, o jornal *O Globo* publicou a foto do momento em que Kimura encaixa a decisiva chave de braço. A reportagem, no entanto, apresentava um tom quase ufanista: “(Hélio) não fugiu ao combate e resistiu mais do que se acreditava diante da força e experiência do nipônico.” “Moralmente, vitória de Hélio Gracie”, concordava a manchete do jornal *A Noite*. “Creio que a minha luta com Kimura terá uma importância muito maior do que a simples questão de ganhar ou perder. Porque poderá influir de forma decisiva no futuro do jiu-jítsu brasileiro. Agora que estou vencido, posso assegurar que a técnica do jiu-jítsu por mim praticado em nada é inferior ao do grande campeão nipônico”, afirmou Hélio, no dia seguinte à luta, ainda com o braço esquerdo dolorido. Ele não disse, mas a vitória de Kimura também fazia uma ressalva à velha teoria dos Gracie até então: o Davi pode vencer o Golias, sim, mas desde que ele tenha mais conhecimento de jiu-jítsu. Quando existe um equilíbrio no domínio da técnica, o mais forte sempre vai levar vantagem.

Com o fim de uma invencibilidade de 13 anos, Hélio anunciou a aposentadoria — decisão que seria revista quatro anos depois, mas só por causa de uma de-

savença pessoal com um ex-sparring. Como lutador, considerava sua missão cumprida, aos 38 anos. Como defensor da bandeira do jiu-jítsu brasileiro, ainda teria muito trabalho pela frente. O judô dos japoneses foi o inimigo mais emblemático, mas não o único, ao longo da história. Até a época em que o inimigo deixou de ser outra modalidade de luta para passar a ser o lutador, como no MMA de hoje.